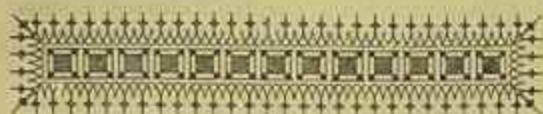


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	21.º Anno — XXI Volume — N.º 707	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte. m. forte)	3,800	1,800	950	120	20 DE AGOSTO DE 1898	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem....)	4,000	2,000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5,000	2,500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Pleno verão. Dois dias santos a fio. Isso é que foram alegrias! Os comboios nas linhas de Cintura, de Cintura, de Cascaes, cheios de gente. N'esses dois dias, perto de vinte contos de réis de bilhetes vendidos!

As casas de pasto cheias, abarrotando. Toiradas em Algés, e no Campo Pequeno, com as nias toireiras. Dinheiro a rodo!

O tempo vai lindo e tristezas não pagam dividas. Vamos aproveitar o lindo sol com que a boa natureza dotou o nosso bello céu azul. Enquanto houver papel almasso, ha de haver cedulas de tostão.

Foi em meio das merendas nas heras do Campo Grande, entre o quite d'uma nia e um boléo de Fressura, ao chiar d'uma pescadinha em Cabo Ruivo e no intervalo de duas polkas nos arraiaes da Outra Banda, que a atoarda correu, levada pelos comboios, pelos americanos, pelos vapores, pelos velocipedes: — Cahiu o ministerio!

O verão vai lindo e as cigarras teem ainda dois longos mezes para esparecerem maguas nos troncos verdejantes. O inverno ainda vem longe.

Noticias de festas, de bailes, de pic-nics, de toiradas, de concertos, chegam-nos de todas essas terras de banhos. Em todas vai grande azafama. Não ha para divertir-se como um homem estar doente. Em meio d'uma valsa, bem humora-se o melancolico, alegra-se o neurasthenico, cura-se o velho do rheumatismo.

Começam os jornaes publicando as chronicas das praias, fazendo madrigaes aos olhos bonitos, discutindo toilettes para burricadas nas estradas poerentes e passeios nos rios cheios de sombra. Gira a bolinha de marfim em volta do prato da roleta. Doidejam as raparigas: sorrisos hypocritas volitam em labios de futuras sogras. Os elegantes das praias põem em acção seus melhores recursos de caçadores de dotes. Os tempos correm suavissimos, que por emquanto o papel almasso não encareceu. É aproveitar. Cantae cigarras estridulas, que sois de opinião que não ha alegrias sem barulho. Cantae o sol, que uma só nuvem não cobre, cantae as madrugadas frescas e rosadas, que embalsamam os pinhaes, os poentes tintos com poeiras de pedras preciosas.

Tudo se diverte na quadilha final!
E por isso, com a maior das indiferenças, foi recebida a nova da queda do ministerio, tanto maior quanto logo foi sabido que ficava o sr. José Luciano.

Cinco ministros, nem menos, vão, pela primeira vez, tomar conta das pastas por tantos tão ambicionadas, unico ideal de muitos, tão fóra dos ideaes de tantos.

Entretanto, não é sem commoção que pela vez primeira, de correio atraz sobraçando o ideal sonhado, um homem sobe aquellas escadas largas dos ministerios, recebe os cumprimentos do pessoal, em frente da larga mesa senta-se na respeitavel palhinha da cadeira, que tantos sustos poderia contar.

Um dos novos ministros, sr. Elvino de Brito, é ha muitos annos director geral de agricultura e é um dos mais antigos parlamentares do partido progressista. Vigoroso orador, em varias legislaturas successivas representou o circulo da Covi-

lhã. Como director geral tem prestado relevantes serviços o que não impede que seja o seu nome, n'este momento critico, muito discutido pelos lavradores.

O sr. Sebastião Custodio de Sousa Telles, novo ministro da guerra, é coronel do corpo de es-

tado maior e membro da commissão superior de guerra. Auctor de muitos artigos publicados em jornaes scientificos, goza da melhor reputação entre os seus collegas e ha muito que o seu nome era indigitado para aquella pasta.

O sr. José Maria de Alpoim, novo ministro da

CENTENARIO DA INSTITUIÇÃO DAS MISERICORDIAS



D. LEONOR DE LENCASTRE MULHER DE D. JOÃO II
E IRMÃ DE D. MANUEL

(Cópia do retrato existente no Convento da Madre de Deus)

à chave e, dando a volta, tirou-a e meteu-a na algibeira. Imaginem como eu fiquei!

— E depois?

— Depois perguntou-me, com a tal voz fingida, onde é que meu pae tinha o dinheiro.

— Meu pai não tem dinheiro — respondi-lhe eu.

— Tem, sim. Tu é que não tens amor à vida — e puchou d'aquella faca, veio para mim, e agarrou-me. Como eu gritei, segurou-me com mais força e ameaçou-me de me matar logo, se eu não lhe dissesse a verdade.

Eu estava aqui só com elle, ninguem me acudia. . . Elle esfaqueava-me! . . . Que havia de fazer? Disse-lhe onde estava o saquinho com o dinheiro — lá em cima, no sótão, que tem uma janella, que dá para o quintal.

Não me deixou lá ir só, e foi commigo. Como sabia os cantos á nossa casa, teve medo que eu fugisse, e chamasse gente. E mais é que não se enganava. Elle vinha mascarado, mas pela voz é que eu, lá em cima, desconfiei quem elle era. E a chorar disse-lhe assim:

— Ora como o visinho tem animo de fazer isto a meu pae!

— Ah! tu conheces-me?! voltou elle, com uma cara muito feia, e a voz assim sumida. . .

— Conheço, sim, senhor.

— Conheces! Vê o que dizes! . . .

E eu, toda a tremer, ficou-me aqui a voz presa, e puz a cara no chão.

Já estávamos cá em baixo — allí áquella porta — e a *Russa* apontou para a porta interior. Elle não tinha largado a faca da mão. Agarrou-me pelo pescoço, e com uns olhos assim, que lhe saltavam da cara, diz-me:

— Como queres tu morrer?

— Com a faca não! não! gritei eu.

— Não grites, que ninguem te acode. Vaes então morrer enforcada. Uma corda! Vae buscar uma corda.

— Não sei onde está.

Apesar do medo grande, eu ia-lhe respondendo. Queria viver. . .

— Olha, está allí uma naquelle prego

CENTENARIO DA INSTITUIÇÃO DAS MISERICORDIAS



FR. MIGUEL CONTREIRAS

Cópia do quadro existente na Bibliotheca Nacional, pintado em 1766 por Carlos Antonio Leon.

— e foi buscal-a. Ai! senhores, de que eu escapei! Foi Nossa Senhora que me valeu. E num instante fez um laço, e, subindo áquella banco, armou-o na trave, puchou por elle com força, e chamou-me, que lhe segurasse o banco. E quando eu lh'o estava segurando, e tremia como varas verdes, o malvado diz-me assim, com uma cara. . . Ai! sr. João, eu ainda isto me parece mentira!

— Mas o que te disse elle?

— Que queria experimentar, ver se o laço corria bem, para não me fazer doer. . .

— Que grande malvado! O patife, ainda em cima, estava a mangar contigo!

— E vae, mettu elle a cabeça no laço. . .

— E depois? perguntaram todos, que iam acompanhando, com os olhos attentos na rapariga, a narrativa.

— Depois, não sei como foi. . . Eu não lhe segurava já o banco, que lhe fugiu dos pés. . . E elle ficou suspenso no ar! . . . Eu, quando o vi a dar com as pernas, e com as mãos agarradas ao pescoço, corri ao sótão, saltei para o quintal, e de lá dei pela estrada fora, a gritar. . .

— Porque não foste por esta porta?

— Não, senhor, que elle tinha mettido a chave na algibeira. E ella lá ha de estar, assim como o dinheiro.

— Mas ella estava aberta. . .

— E' que a arrombaram, depois de eu sair d'aquí.

— Então tu não o ajudaste a bem morrer? Dize lá! Tu serias capaz de lhe puchar pelas pernas, vendo-o allí seguro, hein? E mestre João fitava os olhos da *Russa*, a ver se descobria nelles a confirmação da suspeita, que lhe passara pelo espirito.

— Eu! senhor João! respondeu ella, com o olhar espantado, e um ar de medo e pasmo. E recuando deu um grito, e caiu no chão, escondendo o rosto nas mãos convulsas.

Correram a levantá-la.

— Ainda está vivo! gritava ella, debatendo-se espavorida, apontando para o morto, que balouçava no ar.

— Foste tu que lhe deste com as costas, quando recuaste. Socega, pequena, que elle está morto e bem morto. Tirem-o

GUERRA HISPANO-AMERICANA



UMA VISTA DE SANTIAGO DE CUBA

d'aquí, e ponham-o aqui no chão. O José da Magdalena — disse o regedor — apontando para um dos presentes — é que fica de guarda á casa, e vão avisar o Domingos de que tem cá um hospede, e que, se matou a perdiz, ha aqui quem lh'a ajude a comer. E vamo-nos embora, que esta estava-nos guardada para o fim da festa!

— E o dinheiro de meu pae, que elle tem alli na algibeira? — perguntou a Russa.

— Já lá vamos, menina. Tu sabes quanto era?

— Eu, não, senhor.

— Então vá-se vêr. Dá-m'o cá.

— Eu! — disse a pequena, toda encolhida — O sr. José...

— José, dá-m'o tu.

— Vamos lá, que o ladrão tinha faro! Olé, se tinha... Tem seu peso — observou o José, so-

— Eu vou com o senhor João, se me faz favor.

E a Russa, ao responder, apontava com os olhos enviçados para o cadaver, que jazia a um canto, estendido no chão, e fazia-lhe com as mãos um gesto de repulsão e afastamento.

— E tens razão, pequena — confirmou o regedor — que elle, valha a verdade, se em vida não era bonito, agora parece o diabo! Cruzes, canhoto!

Na aldeia já vagamente se sabia do acontecido. Um ladrão enforcado! diziam todos, e discorriam ácerca do estranho factó, que para elles tinha ares de mysterio.

Quando chegou mestre João rodearam-o logo.

passou. Como regedor tenho de dar parte do caso ao sr. Administrador do concelho e ao sr. Prior da freguezia — e aqui mestre João fez uma pausa respeitosa — e quero por isso estar bem certo do que lhe tenho a dizer. Agora diz tu, Mariquinhas, como tudo se passou. Estes senhores, que são todos amigos de teu pae, teem muita vontade de te ouvir.

Terminada a narrativa, a assemblea foi-se escoando lentamente, impressionada pelo tragico acontecimento, e admirando, ao mesmo tempo, o sangue frio da rapariga, que, em tão apertado lance, não perdera de todo a cabeça, e procurara defender a vida, tão seriamente ameaçada.

Nas fileiras da opposição fez escandalo o gracejo do regedor, quando se referiu ao hospede, que



A SITUAÇÃO CAPITAL — QUADRO DE GOLDMANN

pesando o sacco, que lhe custou a achar nas algibeiras do morto

Os que estavam alli fitaram os olhos no thesouro, que passara ás mãos de mestre João. O regedor vasou-o em cima da arca, e contou para si o dinheiro. Depois do que tornou a mettel o no sacco, que atou muito bem, e, abrindo a arca, deixou-o cair dentro e fechou-a.

— Agora fica aqui. O que tu dirás, José, ao tio Domingos, quando elle vier. E aqui tens a chave da arca. Tu tens medo de aqui ficar? Estás assim com cara de gallinha cosida! Todo arripiado!

— Se lhe parece que o caso não é para isso, mestre João!

— Olha lá, como a casa tem saída pelo quintal, que fique outro de vocês de guarda ás trazeiras. Manda lá o teu filho — que isto tem pouca demora. O Domingos não deve tardar.

— Mariquinhas — tu ficas? Ou queres vir comigo, e voltas quando vier teu pae?

Elle, depois de tomar o seu posto habitual, estendeu as largas mãos sobre os braços da sua grande cadeira, — que já fora de conegos, e percorrendo com os olhos o numero auditorio que até á porta lhe enchia a loja — que, entre parenthesis, não era pequena — chamou a Mariquinhas, e mandou-lhe contar a historia.

— Então é ella quem conta! — observou, em voz baixa, o sr. Manuel Esteves — um dos da opposição da terra.

Mestre João ouviu, e, voltando-se para o lado d'onde partira a censura, disse:

— Eu quero que seja ella quem falle aqui deante de todos, porque dos dois, que entraram n'este caso, um já não falla, e ainda que fallasse era suspeito: resta a rapariga. Eu já a interroguei lá no local do crime, e já fiz a minha idéa. Mas é preciso tambem que os senhores a oiçam. E eu tambem quero ficar sem a sombra d'uma duvida ácerca do modo por que aquillo se

o Domingos vinha achar em casa, para o ajudar a comer a perdiz. Um horror! O Esteves, quando o soube, foi logo contal-o ao Goncalves, e este passou-o ao Tavares da Gallinheira — antigo regedor — que o assentou no caderno das accusações, que elle havia de fazer valer contra mestre João, quando o seu partido subisse ao poder.

O da Gallinheira — alcunha que lhe viera da mãe — ao ouvir a historia, olhou para o seu compadre Silva, e, piscando o olho, replicou-lhe:

— Não me admira. Elle sempre foi leve de lingua e de mãos...

O rival vencido e despeitado alludia maliciosamente ao caso da ribanceira.

— Sim, sim — confirmou o outro, com tom sentencioso. N'estes logares tem a gente obrigação de medir as palavras. E com os mortos não se brinca. O nosso Prior tambem não ha de gostar, quando o souber.

— E naturalmente não ha de tardar muito. Eu

NECROLOGIA



ANTONIO MARIA PEREIRA

Fallecido em 27 de julho de 1898

Foi um homem útil, um trabalhador honrado, cuja actividade contrastava singularmente com a mandrice indigena, synthese da indifferença estúpida d'essa vida que para ali se arrasta.

A sua actividade e amor ao trabalho aproveitaram a muitos, porque Antonio Maria Pereira soube dar desenvolvimento á sua industria, animando não só muitos auctores, que sem o seu auxilio não poderiam ver as suas obras publicadas, mas dando apreciavel impulso ás artes graphicas com as innumerables edições que saham da sua casa.

Pôde dizer-se de Antonio Maria Pereira que lhe nasceram os dentes na livraria; e nasceram, porque, quem escreve estas linhas, conheceu-o creança na loja de seu pae, livreiro também, que deixou a seu filho o nome e as tradições honradas do seu commercio.

Nem sempre os filhos seguem as pégadas dos paes, assim como nem a todos aproveitam o trabalho e tiveres que os paes lhes legam, desfazendo, muitas vezes em pouco tempo, o que levou muitos annos de trabalho e sacrificios.

Antonio Maria Pereira, porém, soube aproveitar bem o patrimonio herdado. Foi ainda além, com vistas mais largas e até arrojo, fazendo edições sobre edições, n'este mercado estreitissimo, em que não abundam leitores, nem auctores que tenham direito a fazer gemer um prélo.

Mas o novel editor abriu os braços aos auctores consagrados e aos pretendentes com a mesma franqueza e bonhomia; e d'esta largueza de animo alguma cousa resultou para o movimento litterario em Portugal, que é pena não se afirmar por obras de vulto, em lugar d'essa alluvião de livros sem senso e sem portueza que a livraria portugueza, em geral, diariamente está expondo ao publico.

Assim é. Da grande colleção de obras originaes e traduzidas publicadas por Antonio Maria Pereira poucas se recommendam pelo valor litterario, e comtudo algumas edições são aprimoradas, o que mostra a boa vontade do editor. E que cuidados lhe mereciam as edições que, quasi diariamente, elle dava a lume. Sentado á sua secretaria horas e horas por dia e noite, via todas as provas typographicas, além da correspondencia diaria de sua casa, a que dava o devido expediente. Depois a contabilidade, os reclamos, os annuncios, as conferencias com os auctores, as propostas, os pretendentes, um cem numero de cousas, tudo a sobrecarregal-o com trabalho, impossivel para um homem só, e tanto mais para elle, que era fraco, e a quem a anémia, consequencia da vida sedentária, ia minando lentamente.

As publicações periódicas que tentou, consumiram-lhe boa parte das forças; porque estas edições são as que mais cançam um editor pela preoccupação constante que lhe impõem. A *Revista Illustrada* e o *Branco e Negro* que publicou, aquella tres annos e este dois, não só lhe deram prejuizo pecuniario, senão que o fatigaram extraordinariamente.

Antonio Maria Pereira nasceu em Lisboa, no anno de 1857, e era filho do antigo livreiro do mesmo nome, estabelecido na rua Augusta n.º 52,

uma das livrarias mais antigas e mais acreditadas da capital.

Fomos amigo d'elle, como de seu pae, e sentimos profundamente a sua morte.



Recebemos e agradecemos:

Disquisizioni Colombini N.º 5, por *Prospero Peragallo*, 1898. 1 vol. de 86 pag. É mais um dos preciosos estudos feitos por este illustre prelado que por tantos annos viveu em Lisboa, na sua egreja do Loreto, creando amor a este torrão do velho Portugal.

São muitos, e todos interessantes, os trabalhos de investigação historica elaborados pelo auctor do opusculo que temos presente e cujo subtitulo é *I Pallastrelli di Piacenza in Portugallo e la moglie di Cristoforo Colombo*.

Faz parte de uma longa série de inquirições historicas acerca da vida do grande navegador e de seus parentes, com os quaes o erudito sacerdote quiz associar-se á commemoração do centenario Colombino.

Occupa-se n'este folheto da origem e fixação em Portugal da familia italiana dos Pallastrelli, cujo appellido depois se transformou em Perestrello; fixa a data de 1385 em que o primeiro Filipe Pallastrelli casado com Catharina Visconti veio para o nosso paiz, obtendo privilegios a que lhe dava direito a sua qualidade de nobre estrangeiro. Um filho d'elle, chamado Bartholomeu Perestrello tomou parte nas navegações dos portuguezes, governando as caravelas que em 1419 partiram para Porto Santo, onde elle depois voltou para ali fundar uma colonia de que foi primeiro capitão e governador. Voltando a Lisboa em 1431 teve de sua terceira mulher Isabel Moniz dois filhos — Bartholomeu Perestrello 2.º e Filippa Moniz que mais tarde foi a esposa de Christovão Colombo, e portanto a quem a familia Perestrello deve a sua celebridade. Occupa-se o auctor em pacientes e eruditas indagações acerca da ascendencia portugueza de Isabel Moniz, averiguando descender de Gil Ayres Moniz, companheiro do Condestavel e senhor de uma capella do convento do Carmo. Em attenção á nobre ascendencia tanto paterna como materna, entrou Filippa Moniz como recolhida no convento de Santos. Foi em Lisboa que d'ella se enamorou Colombo, realisando-se os esponsaes, segundo as conclusões a que chega o erudito investigador, na ilha de Porto Santo, onde o pae da noiva deixára alguns bens e fazendas. Ali viveram alguns annos, nascendo o filho primogenito Diogo Colombo.

Como é sabido Christovão Colombo abandonou Portugal em 1484 ou 1485 e referem os historiadores que Colombo ia a esse tempo acompanhado de um pequenito, que deveria ter seus seis annos, já orphão de mãe.

Tal é em resumo o assumpto do precioso opusculo, em que este estrangeiro illustre, que por tão longos annos foi nosso hospede bemquisto, mais uma vez mostra o interesse que lhe inspiram os assumptos historicos que se prendem com a chronica da vida portugueza.

— *Salvemos a patria*, por *Decio Carneiro* — *Typ. de A. E. Barata* — 1898.

Escrepto com notavel desassombro, mostrando estudo e trabalho porfiado, *Salvemos a patria* é um livro cuja propaganda honra o auctor e todos aquellos que a façam, porque n'elle se patenteiam verdades do genero que as conveniencias mesquinhas consideram pertencer á serie das que se não devem dizer, mas que constituem um correctivo merecido e necessario á sociedade portugueza.

A Decio Carneiro os nossos parabens pelo seu novo livro.

— *Le Monde Moderne* — *revue mensuelle* — A. Quantin — Paris.

Esta elegante revista franceza, que tantas vezes temos encarecido, continua variando e seleccionando a escolha dos seus assumptos. Eis o sumario do ultimo numero recebido.

A côté de la vie, por M.ª Régamey. — La Botanique de Bernardin de Saint-Pierre, por Ferdinand Faideau — Bologne, por Gerspach. — Le Reichstag allemand, por O. Damotte. — Nos grandes cathedrales gothiques, por Louis Gonse. —

Nos troupes alpines, por P. de Pardiellan. — Le combat d'Ain-Bordj, por Ch. Roidot. — Le Bambouk et son or, por André Mévil. — La Médaille, por Gustave Toudouze. — Le Mouvement litteraire, por Léo Claretie. — Causerie scientifique, por G. Mareschal. — Evénements géographiques et coloniaux, por Gaston Rouvier. — La Musique, por Guillaume Danvers. — Chronique théâtrale, por Maurice Lefevre. — Memento encyclopédique. — La Mode du mois, por Berthe de Presilly.

— *Religiões da Luzitania* — na parte que principalmente se refere a Portugal por J. Leite de Vasconcellos — Lisboa 1897.

Incluida na valiosa colleção das contribuições da Sociedade de Geographia de Lisboa, para a celebração do quarto centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, esta obra tem logar distincto pela sua grande importancia, embora o assumpto não seja dos que mais lisongeam o espirito versatil da maioria dos leitores do nosso tempo.

As *Religiões da Luzitania* ficarão como um marco miliario na nossa bibliographia archeologica, tanto mais que o auctor só a escreveu preocupado pela sciencia e não pelo espirito de seita.

— *A Agricultura Contemporanea. Revista mensal agricola agronomica* — Tomo IX — N.º 2.

Esta interessante revista agricola, uma das melhores redigidas na sua especialidade, apresenta no seu ultimo numero o seguinte sumario:

A commemoração do descobrimento do caminho maritimo para a India, F. Julio Borges; A questão de todos os annos, José Verissimo d'Almeida; O emprego do verdete no tratamento do mildio, H. de Mendia; Culturas regadas, Augusto de Figueiredo; Hygiene e medicina dos animaes, Godofredo da Silva Santos; Os trigos doentes, José Verissimo d'Almeida; Estudos de meteorologia agricola: A previsão do tempo, Filipe E. A. Figueiredo; Irrigações no Alemtejo; Indicações uteis; Uma cochenilha da Videira, V. d'A.

— *Revista politica e litteraria*. — Anno segundo — Volume III — fasciculo I — Aprile e Gingno 1898.

Esta importante revista romana começou com o presente numero a dispensar-nos a honra da sua visita, que muito estimamos e apreciamos. Os seus artigos, devidos ás mais experimentadas penas italianas, são todos de interesse geral, não podendo deixar de mencionar especialmente *La crisi dell'estremo Oriente*, artigo em que se estudam a expansão europea e os acontecimentos em que estão envolvidos os interesses das nações mais poderosas e emprehendedoras.

AVENTURAS D'UMA NOVIÇA

VERSÃO DE

ESTEVES PEREIRA

Um volume illustrado com uma linda capa impressa a duas côres, 200 réis.

A venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

VISTA GERAL

NA

FEIRA FRANCA

NA

AVENIDA DA LIBERDADE

1 Estampa a côres medindo 60 centímetros de largo por 45 centímetros de alto, propria para emmoldurar

500 RÉIS

Pedidos á *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo.

LISBOA

LIVROS PARA RIR

O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a côres

PREÇO 300 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á *Empresa do Occidente*, largo do Poço Novo — Lisboa.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á *Empresa do «OCCIDENTE»*

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39